



Segundo Rosany Bochner, a maior parte das embalagens de remédios e produtos de limpeza oferece risco porque não possui trava de segurança

# Embalagens perigosas

■ Frasco de remédio e produto de limpeza oferece pouca segurança e causa acidentes

ADRIANA MOREIRA

No mês passado, a engenheira Simone Machado conseguiu livrar às pressas seu filho, de 3 anos, de um acidente. Ele aproveitou a distração da mãe e correu para brincar na dispensa da casa. Pegou um lustrador de móveis e por pouco não o pôs na boca. O incidente reflete bem o resultado de uma pesquisa do Sistema Nacional de Informações Tóxico-farmacológicas da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Dos 33.904 casos registrados em todo o país, de 93 a 95, 64% se referem a intoxicações entre crianças menores de 5 anos, provocadas pela ingestão de medicamentos, produtos de limpeza e produtos químicos industriais. Mas os especialistas apontam para um dado importante: a incidência de acidentes desse tipo poderia ser menor se as embalagens dos produtos oferecessem mais segurança.

O maior vilão, como mostra o

relatório, são os medicamentos, em primeiro lugar com 12.692 casos. Em seguida surgem os produtos de limpeza, como água sanitária, sabão e desinfetantes, somando 5.379 acidentes. O terceiro lugar fica com os produtos químicos industriais, como ceras e polidores de móveis, num total de 3.906 registros. O restante dos casos se refere a intoxicações provocadas por animais peçonhentos, plantas e pesticidas entre outros. Os dados foram obtidos nos 31 centros especializados em intoxicação que existem em todo o país. No Rio, funcionam apenas dois: no Hospital Universitário Clementino Fraga, na Ilha do Fundão, e no Hospital Universitário Antônio Pedro, em Niterói.

"Em geral, as embalagens de medicamentos e artigos de limpeza fabricadas no Brasil são um risco porque não possuem travas de segurança. A maioria pode ser aberta facilmente por qualquer criança", informa Rosany Bochner, do Sistema

Nacional de Informações Tóxico-farmacológicas da Fiocruz. Desde que iniciou o trabalho, a estatística Rosany coleciona embalagens de remédios e produtos de limpeza de diversas marcas nacionais e estrangeiras. A diferença é gritante. As embalagens de pomadas, comprimidos, sprays, limpa-vidros, desinfetantes e soda cáustica fabricados no Brasil não dispõem de travas de segurança nas tampas. Já as dos produtos importados, além das travas, possuem pequenos dispositivos de segurança, que dificultam a abertura do produto e reduzem as taxas de acidentes por intoxicação.

O popular analgésico Novalgina é um dos exemplos que mais chamam a atenção. O exemplar nacional dispõe apenas de uma simples tampinha de rosca, enquanto a embalagem do remédio produzido na Itália é bem mais segura. Para abrir o frasco, primeiro é preciso pressionar a tampa até que ela se encaixe na rosca e finalmente se des-

prenda. Um método simples que foi adotado na Itália como prevenção de acidentes entre crianças. Aqui no Brasil, o laboratório Pfizer já desenvolve suas embalagens com tampas especiais, como a do antibiótico Zitromax.

A pesquisa desenvolvida na Fiocruz ainda revela um outro problema: a semelhança de embalagens que podem confundir o consumidor. É o caso do descongestionante nasal Aturgyl. As embalagens do remédio infantil e para adultos são parecidíssimas: têm as mesmas cores e o mesmo padrão visual. Até bem pouco tempo, o consumidor encontrava nas farmácias o descongestionante nasal Sorine para crianças e adultos com embalagens muito parecidas. Agora, um novo desenho diferencia o produto infantil. Já o polivitamínico Centrum, produzido nos Estados Unidos, tem tampa com trava, enquanto o mesmo remédio, feito no Brasil, não oferece a mesma segurança.

## Projeto prevê trava obrigatória

As tampinhas com travas de proteção em remédios e produtos de limpeza já poderiam ser obrigatórias no Brasil. O impasse, no entanto, está na tramitação há três anos do projeto de lei 4841-A/94, que prevê a regulamentação de embalagens especiais de proteção à criança para medicamentos e produtos de limpeza, com potencial de risco à saúde. O projeto, do atual secretário de Meio Ambiente de

São Paulo, Fábio Feldmann, ainda está sendo apreciado pela Comissão de Economia, Indústria e Comércio da Câmara Federal.

A proposta é de que as embalagens devam ser confeccionadas de modo que "seja significativamente difícil para uma criança com menos de cinco anos de idade abri-la", mas que não "seja difícil sua abertura por um adulto". O projeto aponta uma lista

de produtos, incluindo todos os medicamentos, produtos de uso doméstico para limpeza, produtos à base de querosene, inflamáveis. Além de seguras, as embalagens devem apresentar, logo abaixo do nome do produto, informações ostensivas sobre os riscos que acarretam à saúde do consumidor. As substâncias de teor tóxico mais elevado precisam trazer impressa na embalagem a figura da

caveira com duas tibias cruzadas, símbolo universal de perigo à vida. Aprovada a lei, as empresas teriam o prazo de um ano para se adaptarem. O projeto de lei ainda prevê a realização de testes com crianças para avaliar o grau de segurança da embalagem. A última palavra seria da Comissão Nacional de Segurança, de Proteção de Produtos Químicos, do Ministério da Saúde.